



Boletim do Venerável D. António Barroso

Director: Amadeu Gomes de Araújo, Vice-Postulador
Propriedade: Associação dos Amigos de D. António Barroso. NIPC 508 401 852
Administração e Redacção: Rua de Luanda, n.º 480, 3.º Esq. 2775-369 CARCAVELOS
Tlm.: 934 285 048 – E-mail: vicepostulador.antoniobarroso@gmail.com
Publicação trimestral | Assinatura anual: 5,00€

III Série

Ano XII

N.º 37

Julho / Dezembro de 2022

VISITA DE D. ANTÓNIO BARROSO AO COLÉGIO DOS MENINOS ÓRFÃOS DO PORTO, EM 1905

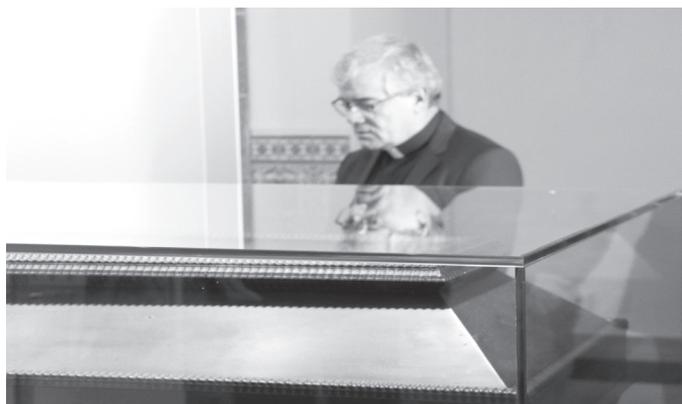


Prof. Doutor Luís Carlos Amaral *

No exercício do seu múnus pastoral enquanto bispo do Porto (1899-1918), D. António Barroso visitou o Colégio dos Meninos Órfãos de Nossa Senhora da Graça, no Porto, no dia 10 de Outubro de 1905. Tinham decorrido, por essa altura, escassos dois anos desde que a instituição se fixara no antigo edifício do primeiro seminário diocesano do Porto, instituído pelo prelado D. Frei António de São José de Castro (1799-1814) na quinta do Prado do Bispo, em 1804. No contexto da guerra civil que opôs liberais e abso-

(Continua na pág. 2)

D. JOSÉ CORDEIRO VISITA O TÚMULO DE D. ANTÓNIO BARROSO. MENSAGEM DE ESPERANÇA



**Arcebispo de Braga visita lugares históricos
da vida do missionário de Remelhe**

Texto Manuel Vilas Boas

Imagem José Campinho

D. José Cordeiro visitou os lugares da vida do bispo que foi missionário em três continentes: do nascimento ao exílio e ao novo espaço onde se expõe a urna com os restos mortais do herói da pátria e defensor da liberdade da Igreja.

(Continua na pág. 4)

Feliz Natal



lutas, e mais especificamente nas circunstâncias em que ocorreu o Cerco do Porto (1832-1833), o prédio fora abandonado em 1832, passando mais tarde para a posse da Câmara Municipal. Vovidas mais de seis décadas, determinou a edilidade portuense a mudança da comunidade dos Meninos Órfãos para o referido imóvel, promovendo as necessárias obras de reconstrução e adaptação. Em Setembro de 1903, liderados pelo então reitor, Padre Francisco José Patrício (1850-1911), os alunos deslocaram-se para as novas instalações, consideradas amplas e arejadas e com um largo espaço reservado para cerca e recreio.

Mais de dois séculos e meio haviam passado desde que o venerável Padre Baltazar Guedes (1620-1693) fundara o Colégio dos Meninos Órfãos, logo confiado à protecção de Nossa Senhora da Graça. Melhor do que ninguém conhecia bem a triste realidade dos órfãos, pois perdera sua mãe aos sete anos e o pai uma década depois. Sabia, por experiência própria, quão desventurada e desamparada socialmente era a vida da larga maioria daqueles que, muito cedo, ficavam privados do respaldo e do aconchego de uma tranquila vida familiar. Muito influenciado pelo exemplo de São Filipe Néri (1515-1595) e pelo carisma da Congregação do Oratório, por ele fundada e definitivamente instituída em 1575, cedo viu despertar a sua vocação sacerdotal, tendo sido ordenado presbítero por volta de 1644. Anos depois, e ultrapassadas algumas hesitações, instalou-se como capelão da modesta ermida de Nossa Senhora da Graça, localizada fora de muros, bem próxima da antiga Porta do Olival e da cerca do Convento dos Carmelitas Descalços, em terreno onde hoje se ergue o edifício da Reitoria da Universidade do Porto. Foi neste lugar ainda pouco povoado e algo inóspito, que o seu sonho de criar uma instituição que pudesse acolher e educar os pequenos órfãos da cidade ganhou forma e se converteu numa realidade duradoura.

Ele próprio explicou como tudo aconteceu no texto que, anos mais tarde, escreveu a propósito da fundação do colégio: “Ardia-me no Coração hum fervoroso desejo de ver feyta nesta caza de N. S.^a alguma obra que fosse a ella agradável; e pedindo-lhe muytas vezes, como peccador, em minhas limitadas oraçoens me desse algum modo por onde puzesse a execução o meu desejo, já que os Clerigos me deixarão só no Campo, me desse ella forças, e animo para hir muito por diante, andados dois annos me veyo a imaginação que fizesse nesta Caza de nossa Senhora Collegio de Meninos Orfãos”⁽¹⁾. À semelhança do que já acontecera em Lisboa com a criação do Colégio de Jesus dos Meninos Órfãos,

em 1549, e em Évora com a do Colégio dos Inocentes, em 1649, a cidade do Porto dotava-se agora de uma estrutura similar, graças, sobremaneira, à avisada perseverança do Padre Baltazar Guedes. Criado por alvará régio de D. João IV, outorgado em Lisboa a 30 de Janeiro de 1651, o Colégio dos Meninos Órfãos do Porto abriu solenemente no dia 25 de Março desse ano, festividade litúrgica da Anunciação, tendo o Padre Baltazar Guedes instalado os seis meninos que entretanto recolhera na cidade, nas precárias instalações em que vivia, levantadas junto à ermida de Nossa Senhora da Graça.

Em consequência da forma como se materializou a fundação do colégio, resultou que o mesmo, apesar de submetido à jurisdição régia, ficava, na prática, sob o controlo das autoridades municipais, o que representou na época um modelo de governo inovador e único relativamente às instituições congéneres. Esta singularidade inicial acabou, aliás, por enformar toda a vida futura do colégio até bem próximo de nós, uma vez que a Câmara portuense não se constituiu apenas na principal entidade administrativa, mas também chamou a si o financiamento regular da instituição. Os séculos seguintes encarregaram-se de consolidar esta aliança que, apesar de sobresaltos diversos, promoveu continuamente a conservação e desenvolvimento do colégio, granjeando-lhe a crescente admiração e apreço das gentes do Porto ⁽²⁾. Por isso mesmo, não admira que o problema da sua manutenção tenha suscitado tanta preocupação junto das forças vivas da cidade e, em particular, junto da edilidade, no momento da criação da Academia Real de Marinha e Comércio da Cidade do Porto, em 1803. Ficou então estabelecido pela Câmara e pela própria direcção do Colégio, que o melhor espaço para acomodar a nova Academia era precisamente o que ocupavam as instalações dos meninos órfãos. Não obstante os esforços desenvolvidos nesse sentido, bem plasmados no primeiro projecto do edifício que hoje alberga a Reitoria da Universidade do Porto, riscado de novo pelo arquitecto e engenheiro militar Carlos Luís Ferreira da Cruz Amarante (1748-1815), em 1807, e onde se reservava o andar superior do imóvel para habitação dos órfãos, cedo se percebeu quão complexa era a coabitação entre as duas comunidades.

Seja como for, apesar dos crescentes problemas resultantes do convívio de duas entidades com características e objectivos muito diversos, agravados ainda mais pelas atribuladas décadas da primeira metade de Oitocentos, a verdade é que o colégio não só manteve a sua actividade, como ganhou

renovado alento nos alvares do século XX. Em 1903, a comunidade dos meninos órfãos trasladou-se, como dissemos acima, para as renovadas instalações, muito graças ao empenho do novo reitor, o já citado Padre Francisco José Patrício, antigo aluno porcionista da instituição e prestigiado orador sacro, que assumira o governo da mesma pouco antes, em Setembro de 1902. A ele se ficou a dever a apresentação à edilidade portuense do esboço de um novo regulamento interno, em Fevereiro de 1903, assim como a bênção da capela privativa do colégio, em Agosto de 1906 ⁽³⁾.

É a ele também que D. António Barroso se dirigiu no testemunho que deixou exarado no Livro de Honra da instituição, aquando da visita efectuada em 10 de Outubro de 1905. Como prelado diocesano, não podia deixar de se deslocar a tão vetusta e prestigiada obra da cidade, intimamente relacionada com a Igreja portugalense. As palavras que então escreveu revelam tanto a preocupação de enaltecer a pessoa e a obra do Padre Baltazar Guedes, quanto o propósito de incentivar a comunidade e o seu reitor a preservarem “as preciosas reliqueas do seu passado” e a continuarem a “Santa Obra” que haviam recebido em herança.

As notas que acabámos de registar servem, desta forma, como um conciso enquadramento do pequeno texto que D. António Barroso redigiu no momento da sua deslocação ao colégio e que, conservando-se inédito, entendemos merecedor

⁽¹⁾ - GUEDES, Padre Baltazar – *Breve relação da fundação do Colégio dos Meninos Órfãos de N. S.^a da Graça, sito fora da Porta do Olival desta Cidade do Porto, em a qual se contém tudo o que na fundação dele succedeu*. Introdução de A. de Magalhães Basto, Porto, Edição da Câmara Municipal do Porto, 1951, p.190.

⁽²⁾ - Refira-se que no século passado, no momento em que se celebravam os 350 anos da instituição e após negociações com a Província Portuguesa da Sociedade Salesiana (Instituto Salesiano), a Câmara Municipal do Porto, por escritura de 17 de Setembro de 1951, confiou a direcção e a simples administração do Colégio dos Órfãos aos referidos religiosos. Finalmente, já na presente centúria, mais exactamente em 30 de Junho de 2011, a comunidade salesiana adquiriu as instalações do colégio à edilidade, tornando-se na actual proprietária do vetusto edifício.

⁽³⁾ - O Padre Francisco José Patrício deixou-nos ainda um interessante opúsculo da sua lavra, intitulado *Bosquejo Histórico da Fundação e Desenvolvimento do Real Colégio de Nossa Senhora da Graça dos Meninos Órfãos, no Porto*, editado nesta cidade, em 1907. Um longo excerto deste livro foi igualmente publicado por A. de Magalhães Basto em: GUEDES, Padre Baltazar – *Breve relação da fundação do Colégio...*, p. 353-366. Registe-se que D. António Barroso, no testemunho que agora publicamos, alude à faceta de investigador do Padre Francisco José Patrício.

de publicação por ilustrar o serviço pastoral do prelado, sendo esta a principal razão que justifica o presente artigo. Eis, então, o depoimento de D. António Barroso:

“A obra do Padre Balthazar Guedes é enorme. O nome deste humilde presbytero por si bastaria para fazer o orgulho da Cidade, onde concebeu e executou a sua grande obra, se ella não tirasse o de outros beneméritos da charidade que a par da d'elle tanto a honram e salvam. Só a charidade pode inspirar heroísmos como os que exemplificam em favor de irmãos de-

serdados e infelizes o P.e Guedes. Ao que encontrou de mais abandonado deu na terra um azylo, sob a protecção de N. Senhora da Graça; e esta Celeste Protectora dos infelizes abraçam (sic) a Obra, que florece e frutifica através dos annos, todos os dias mais pujante e bella.

Quem hoje visitar este magnifico Collégio sinta que esta instalação é digna do fundador, da Cidade do Porto e do alto fim a que se destina: educação.

A complexão do edificio, a situação magnifica, a ordem e o aceio impressionam agradavelmente o nosso espirito que rejubila ao contemplar tanto conforto e cuidados com creanças, que perderam o amparo natural das famílias.

Ao Reitor desta Casa P. F. Patrício dedicado amador da tradição gloriosa desta Instituição, investigador creterioso de todas as preciosas reliqueas do seu passado, para as resuscitar no que merecem de racional e bom, desejo saúde e longa vida para continuar a dar realce a esta Santa Obra que imortaliza o nome d'um grande christão e grande portuguez, Balthazar Guedes.

10 d'Outubro de 1905

(assinatura:) † António, Bispo do Porto” ⁽⁴⁾.

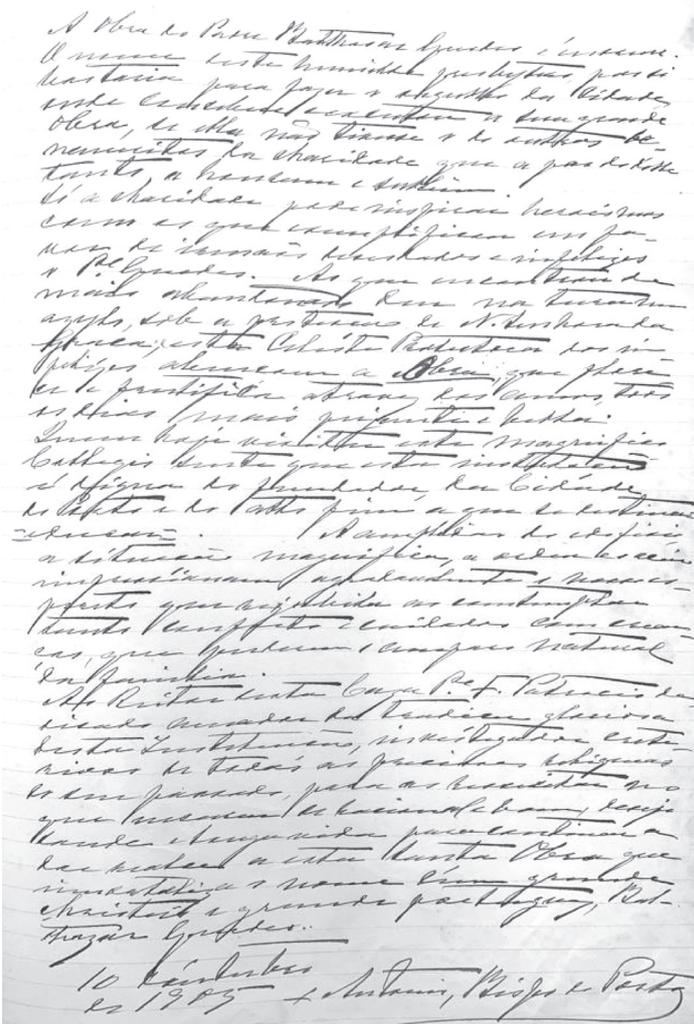
Por certo impunha-se terminar aqui o nosso escrito. Porém, atendendo à diver-

sidade e riqueza dos testemunhos conservados no mesmo Livro de Honra, não resistimos a transcrever, igualmente, dois outros brevíssimos textos, fixados poucas páginas depois do de D. António Barroso, e que traduzem com muita clareza os tempos convulsos em que o prelado viveu. Resultaram das visitas ao colégio de duas personalidades bem conhecidas, efectuadas já em 1913, ou seja, nos começos da agitada Primeira República (1910-1926) e a um escasso ano do deflagrar da Grande Guerra (1914-1918), que arrastou a frágil nação portuguesa para um sangrento e doloroso conflito mundial. O primeiro pertence ao

de obra de Assistência do Porto, faltava a vida social, o contacto com as necessidades verdadeiras do país: creavam-se aqui sobretudo unidades sociaes inúteis, senão nocivas. Hoje, com a República, com uma Câmara Municipal democrática e com um director cheio de dedicação e de aptidões, o Colégio dos Órfãos é uma obra progressiva e fecunda, que o novo Regimen deverá por todos os modos auxiliar.

Porto, 28 de Julho de 1913

(assinatura:) Affonso Costa” ⁽⁵⁾.



“Saludo en el generoso, noble e inteligente director de esta tan admirable Casa al sembrador de las ideas democraticas que germinaran en el porvenir igualando a los hombres por la cultura como en otro tiempo los dividian por las armas y los odios – La caridad republicana no es la mendicidad católica: ésta humilla al hombre aquella le levanta y dignifica, le hace hombre. Saludo al gran Affonso Costa y a Portugal republicano en nombre de la futura Republica española.

(assinatura:) Rodrigo Soriano Porto Agosto 1913” ⁽⁶⁾.

Palavras e pensamentos tão expressivos dispensam grandes comentários. Ainda assim, justifica-se observar quanto estes juízos e ideias traduzem de intolerância, de preconceito, de ignorância e mesmo de enfrentamento, face a concepções do mundo e da sociedade (muito) diferentes das suas. E, por último, considerando o agitado mundo dos nossos dias, talvez não seja de todo despidendo sublinhar e reflectir sobre as extremadas opiniões e

não menos violentas paixões, que enformaram a época de D. António Barroso e condicionaram a sua vida ímpar.

* Faculdade de Letras da Universidade do Porto; CITCEM-UP; CEHR-UCP

Dr. Afonso Augusto da Costa (1871-1937), então Presidente do Ministério (Primeiro-Ministro) e figura maior do republicanismo radical e anticlerical, e o segundo a Rodrigo Soriano Barroeta-Aldamar (1868-1944), destacado político, diplomata e jornalista republicano espanhol, especialmente activo no decurso da Segunda República Espanhola (1931-1939):

“Neste amplo edificio, que consagrou e tornou perdurável uma gran-

⁽⁴⁾ - Salesianos do Porto – Colégio, (Livro de Honra) Real Collegio dos Meninos Orfãos de N. Senhora da Graça. 1651, p. não numerada.

⁽⁵⁾ - *Idem*, p. não numerada.

⁽⁶⁾ - *Idem*, p. não numerada.



As chuvas abundantes, na primeira semana de Novembro, seguiram-se no firmamento de Remelhe. O novo arcebispo de Braga pôde, assim, satisfazer com tranquilidade o desejo de visitar os sítios vividos, na freguesia que viu nascer o missionário que evangelizou Angola, onde também o líder da arquidiocese bracarense viu, pela primeira vez, a luz do dia, já em maré de guerrilha colonial.

Os primeiros passos da visita foram dados entre a capela-jazigo que recebeu a urna do missionário, por 92 anos, e o novo espaço, criado em 2019, após a transladação, presidida por D. Jorge Ortega, arcebispo emérito de Braga e D. Manuel Linda, bispo do Porto. Acompanhou o percurso desta visita o padre António Júlio Trigueiros, jesuíta e historiador, natural de Remelhe, membro da Academia Portuguesa de História e residente na capital, próximo do novo projecto cultural da revista Brotéria.

Se um dia destes a casa vem abaixo?

A visita prosseguiu pelo lugar de Santiago, pertença da antiga paróquia de Moldes. Aqui ainda está de pé a casa onde o menino António José nasceu, ao pé da eira e dos utensílios que trabalhavam os campos vizinhos. O mau estado de saúde deste lugar histórico lança um SOS a quem lhe possa acudir. A esperança de regeneração mora, certamente, no poder dos «senhores do Concelho».



Integrada neste conjunto está a capela de Santiago, restaurada há uma dezena de anos. Pequena e acolhedora recebeu o bispo do Porto durante o exílio. Ali presidiu D. António Barroso a mais de meia centena de ordenações para a sua diocese, em sede vacante, por três anos. Uma catedral em miniatura, testemunha de sonhos e frustrações.



Restava desta visita, a casa-residência de D. António durante o exílio. Construída no início do séc. XX e agora pertença de António José Barroso, sobrinho-neto, é um espaço onde permanecem longas memórias, no interior das suas paredes, peçadas de



retratos, loiças e objectos pessoais. Entre eles, uma batina e um roquete, cáligas, uma mitra, um tricórnio e um solidéu, além de malas de viagem e documentos de embarque para as missões. Nos dois pisos da casa, próxima de árvores centenárias distendem-se os placards sobre a biografia de António Barroso, que integraram, em 2019, a exposição missionária nacional que passou pelo salão nobre e sala gótica dos Paços do Concelho.

Um livro de «Memória e Pensamento de D. António Barroso»

Depois de outros lançamentos, ocorreu no salão paroquial mais uma apresentação do livro «Memória e Pensamento de D. António Barroso», editado em 2021, pela fundação «Voz Portucalense» e patrocínio do Município de Barcelos. O debate foi aberto pelo dr. Vitor Pinho, historiador e ex-bibliotecário da Câmara barcelense. Neste livro, participaram 20 colaboradores, de áreas diferentes, tendo produzido um leque vasto de informações e investigações sobre o passado mais ousado do bispo missionário. Foram aqui também publicadas algumas cartas do bispo missionário, tratadas por Margarida Pogarell. Perante uma assistência motivada, foram avançadas algumas questões, sobretudo as que se referem ao processo de canonização e, entre outras, às visitas que o missionário no exílio fez a familiares e amigos.

Acudiram à mesa do debate Elisa Braga, vereadora da cultura da Câmara de Barcelos, José Monteiro, presidente de Junta da Freguesia de Remelhe, dr. Vitor Pinho, apresentador do livro, Amadeu Araújo, vice-postulador e coordenador da edição do livro, padre António Júlio Trigueiros, autor de um dos textos, jesuíta e historiador e pe. Manuel Vilas Boas, na moderação.



As revelações do arcebispo

Após as boas-vindas às diversas comissões e associações locais (por onde passa o suporte real da organização da paróquia, aqui nas mãos de voluntários generosos) D. José Cordeiro presidiu à celebração eucarística, celebrada na igreja paroquial e participada pelo pároco Tiago Barros e pelo coro litúrgico.

À homilia, D. José Cordeiro revelava à assembleia a sua devoção e admiração pelo missionário «Venerável» e que tudo faria para que a causa de canonização se intensificasse. Entendia-se que ao jeito da canonização de S. Bartolomeu dos Mártires, há dois anos,



promovida pelo papa Francisco, Roma poderia decidir-se também por uma canonização, por equipolência, sem que para tal seja necessária a apresentação de um milagre e que não seja comprovado cientificamente.

A Remelhe poderá chegar, então, a notícia da certeza que os olhos azuis da criança, nascida à sombra de Santiago e baptizada nas águas lustrais de Santa Marinha de Remelhe, contemplem para sempre a transcendência dos céus.

A correspondência de D. António Barroso com Barbosa du Bocage... (2ª Parte)

Por **Margarida Pogarell, professora e escritora**

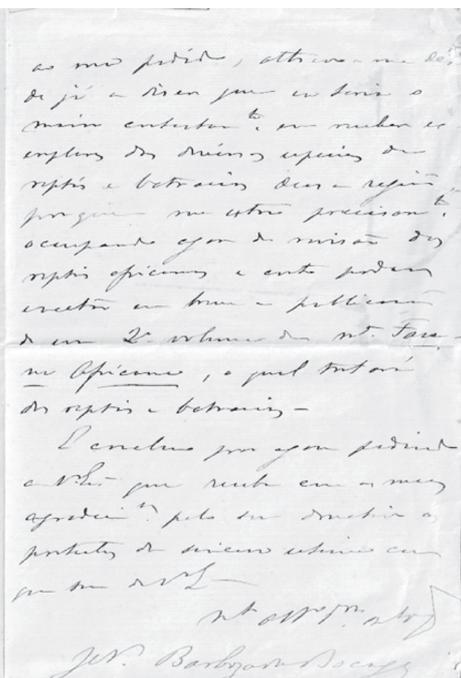
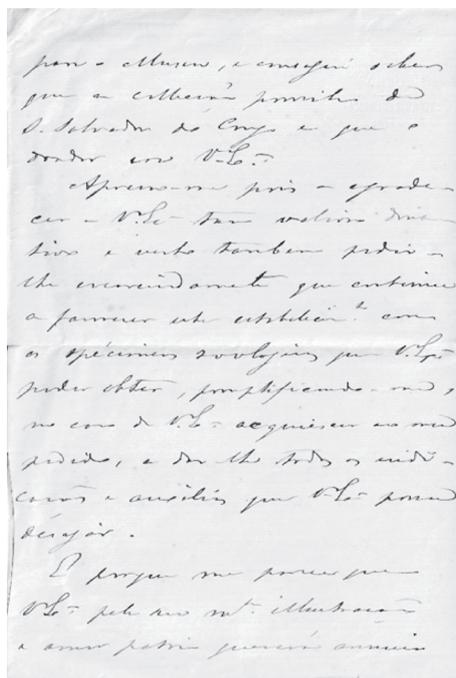
A vocação de zoólogo do missionário Barroso

Barbosa du Bocage adquire cimentados conhecimentos da geografia colonial. Organiza uma rede de colaboradores, entre eles, missionários, como o jovem padre Barroso, pondo-lhes nas mãos um manual em que os instrui como coligir, preparar e remeter os espécimes para o Museu de Lisboa, documento que refere na carta dirigida ao chefe da missão do Congo. Desta forma vai alargando a secção zoológica, com as remessas e colecções que lhe chegam das colónias africanas da costa ocidental.

Enquanto Ministro da Marinha e do Ultramar (1883) e dos Negócios Externos (1881-86), o dedicado naturalista, vê-se envolvido em decisivos actos de política internacional, onde sobressaem os seus profundos conhecimentos do mundo colonial e da fauna e geografia africanas. O seu nome surge ligado a muitos momentos cruciais da diplomacia portuguesa, como as negociações com a Inglaterra sobre o domínio territorial no Zaire e a Conferência de Berlim, em 1884. É neste ano que, paralelamente,

enceta negociações científicas com a Inglaterra, contribuindo, assim, para um aumento efectivo das colecções zoológicas do Museu. Em 1890, vê-se na contingência de defender a sua reputação, aquando do *Ultimatum*, imposto pelos britânicos.

Barbosa du Bocage procura criar laços e troca informações com especialistas: integra a *República das Letras*, uma comunidade de zoólogos europeus e centra-se na internacionalização da importância das suas colecções.



Para evidenciar o Museu de Lisboa, no *parquet* internacional, dedica-se a estudar grupos específicos da fauna que habitava as colónias portuguesas.

Procede a estudos profundos sobre mamíferos, aves, répteis, batráquios, peixes, espongiários, com foco especial em certos animais sobre os quais circulavam noções incertas ou erróneas. Sustentando polémicas de grande interesse do ponto de vista científico, aumenta, sistematiza e expõe estes conhecimentos sobre a fauna portuguesa, nacional e ultramarina. Trabalha denodadamente no que está ao alcance de Portugal e no que o distingue tematicamente dos museus europeus, transformando, deste modo, o Museu de Lisboa numa referência a nível internacional.

Em 1905, a secção zoológica, que dirigiu durante meio século, recebeu o seu nome, sendo, então, conhecido por Museu Bocage.

Após a morte do seu fundador, o Museu Nacional continuou a formação de novas gerações de zoólogos, entrando depois em declínio. Em 1911, a Escola Politécnica é extinta pela reforma republicana e dá lugar à actual Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Em 1978, o Museu é consumido por um grande incêndio. Os espécimes do Congo enviados por António Barroso terão desaparecido, infelizmente, nas chamas inclementes. Reconstruído, o Museu Nacional de Lisboa permanece instalado no mesmo edifício.

Dos seus trabalhos científicos, contam-se dezenas de artigos, mas duas obras são tidas como fundamentais para cada um dos seus campos, dentro da zoologia: *Ornithologie d'Angola* (1877) e *Herpétologie d'Angola et du Congo* (1895).

José Vicente Barbosa du Bocage morre, em Lisboa, no dia 3 de Novembro de 1907.

O primeiro atlas de anfíbios e répteis de Angola, 124 anos depois

Em 2019, no dia 7 de Março, no jornal Público, é notícia a apresentação, em Luanda, na Faculdade de Ciências da Universidade Agostinho Neto, do novo atlas que sistematiza todos os anfíbios e répteis existentes em Angola, o primeiro desde 1895. Mais de 120 anos se passaram desde que José Vicente Barbosa du Bocage publicou o seu atlas sobre a herpetofauna [répteis e anfíbios] de Angola, *Herpétologie d'Angola et du Congo*. O novo atlas é dedicado a Barbosa du Bocage, o fundador da herpetologia angolana. A lista por ele publicada, no séc. XIX, referencia já a existência de 191 espécies, 41 anfíbios e 150 répteis. O atlas, de 2019, reúne 395 espécies, 117 anfíbios e 278 répteis.

Homens de ideais: o naturalista e o missionário

Barbosa du Bocage e António Barroso foram homens movidos por elevados ideais, de rara inteligência, bom senso e muita prudência. Ambos apostaram no desenvolvimento e modernização do seu país, em ruína, conduzidos por um alto patriotismo de sacrifício.

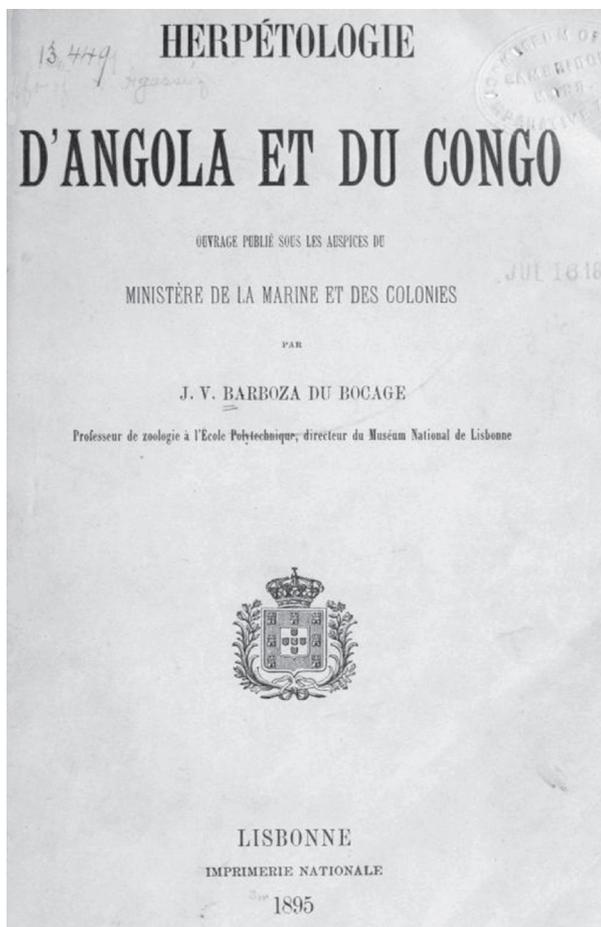
Se um se torna o “pai da zoologia”, com o seu trabalho científico, o outro secunda-o como o “pai dos pobres”, integrando o seu humanismo cristão.

Ambos acreditaram e lutaram pela regeneração de Portugal. António Barroso aliou à humanidade, a ciência e a religião. Ambos se viram envolvidos no decisivo momento histórico da partilha de África, em 1884, criando o emblemático mapa cor-de-rosa. Barroso, no terreno, no Congo, Bocage na política directa, em Berlim.

Enquanto Bocage estrutura o seu Museu, desenvolve a área de investigação, integra permutas científicas e procura reabilitar, internacionalmente, a imagem de Portugal, como nação culta, integrando a causa e a missão de civilizar e defender o progresso, por seu lado, o jovem padre Barroso mergulha nos confins desconhecidos de África, acreditando nos mesmos ideais, criando infraestruturas, estruturando vidas, fazendo pontes. De acordo com os parâmetros da cultura vigente no séc. XIX, o missionário também promove as ciências e a meteorologia. O seu trabalho cruza-se com o de Barbosa du Bocage. As suas remessas e anotações meticulosas serão essenciais para os exploradores e investigadores científicos da vida dos sertões africanos.



José Vicente Barbosa du Bocage, primo do irreverente poeta sadino. Retrato de 1861



Romeiros de Remelhe voltam a cumprir a tradição

Texto e imagens de **José Campinho**

A pandemia *Covid 19* impôs em todo o mundo, durante quase dois anos, comportamentos implacáveis na população. Assim foi em Portugal.

No que diz respeito à tradicional romagem, em memória do funeral de D. António Barroso, a determinação dos admiradores do bispo missionário foi maior. No passado dia 4 de Setembro, muitos devotos mataram saudades. Outros vieram, pela primeira vez, à voz de ditos sobre a personalidade de D. António Barroso. Cumpriram-se 105 anos do funeral do prelado, falecido aos 63 anos, na cidade do Porto.

O cortejo saiu, como de costume, da estação ferroviária de Barcelos, aberto pelo clube Moto Galos de Barcelos, grupo afecto às evocações do Grupo dos Amigos de D. António Barroso. Fez-se uma paragem de tradição, frente à vigorosa estátua do bispo do Porto, na praça do Município. Uma coroa de flores evocava a honra e os feitos do missionário de três continentes. Palavras proferidas antes pelo pe. Manuel Vilas Boas, da Sociedade Missionária da Boa Nova, sublinhavam o tom humanista da evangelização do missionário de Remelhe, em Angola, Moçambique, Meliapor e na diocese do Porto. Estando na cidade Barcelos, o orador aproveitou a oportunidade para denunciar a existência de «pretinhos» de barro, à venda na feira semanal. Nos nossos dias, este acto poderá ser considerado de teor racista. «Deveria ser proibida a sua venda», defendeu, convicto, no seu comentário, o padre missionário e jornalista da TSF.

ROMAGEM ao Venerável D. António Barroso

PROGRAMA

04 Setembro de 2022

08:30 horas - Início da Romagem
Concentração no Largo da Estação de Comboios de Barcelos

09:00 horas - Barcelos
Colocação ramo flores no Monumento de D. António Barroso

10:45 horas - Remelhe
Colocação ramo flores no Monumento de D. António Barroso

11:00 horas - Remelhe
Eucaristia na Igreja Paroquial

12:30 horas
Encerramento da Romagem



No NATAL, lembre-se do aniversariante!



2023

VENERÁVEL

D. ANTÓNIO BARROSO



POSTULAÇÃO
DA
CAUSA DA CANONIZAÇÃO

JANEIRO							FEVEREIRO							MARÇO						
D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S
F	2	3	4	5	6	7				1	2	3	4				1	2	3	4
8	9	10	11	12	13	14	5	6	7	8	9	10	11	5	6	7	8	9	10	11
15	16	17	18	19	20	21	12	13	14	15	16	17	18	12	13	14	15	16	17	18
22	23	24	25	26	27	28	19	20	E	22	23	24	25	19	20	21	22	23	24	25
29	30	31					26	27	28					26	27	28	29	30	31	

ABRIL							MAIO							JUNHO						
D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S
						1	F	2	3	4	5	6				1	2	3		
2	3	4	5	6	7	8	7	8	9	10	11	12	13	4	5	6	7	F	9	F
P	10	11	12	13	14	15	14	15	16	17	18	19	20	11	12	13	14	15	16	17
16	17	18	19	20	21	22	21	22	23	24	25	26	27	18	19	20	21	22	23	24
23	24	F	26	27	28	29	28	29	30	31				25	26	27	28	29	30	
30																				



Conheça o
Venerável D. António Barroso
leia
www.domantoniobarroso.pt

E, AO LONGO DO ANO DE 2023, LEMBRE-SE DE D. ANTÓNIO BARROSO...

COM ESTE NÚMERO ENVIAMOS UM CALENDÁRIO PARA O ANO QUE VAI INICIAR-SE. ACALENTAMOS AS MELHORES ESPERANÇAS DE QUE O PROCESSO AVANCE EM 2023. SABEMOS TODOS QUE O PROCESSO TEM CUSTOS ELEVADOS. ROGAMOS AOS DEVOTOS E AMIGOS QUE COLABOREM. SÃO POUQUÍSSIMOS OS QUE AJUDAM A CUSTEAR AS DESPESAS DA POSTULAÇÃO. ASSIM, É MUITO DIFÍCIL...

UM DESAFIO...

Cristiano Marques da Costa pede-nos que o ajudemos a identificar os 9 clérigos que acompanham D. António Barroso nesta foto que teve a amabilidade de enviar. Trata-se de uma visita pastoral realizada pelo Bispo do Porto, em Novembro de 1902, há exactamente 120 anos. Dão-se alvíssaras a quem for capaz de informar o nosso leitor sobre a paróquia / área pastoral visitada por D. António Barroso naquele mês distante e frio...



D. António Barroso e o potencial incremento de Remelhe.

Texto e imagens de Maria Isabel Lobarinhas Limpo Trigueiros, Mestre em Património e Turismo Cultural.

No próximo número deste Boletim

E temos mais novidades para o próximo número: **Margarida Pogarell** vai apresentar “argumentos sobre a forte amizade entre o resoluto e conciliador D. António Barroso e o mui distinto e buliçoso D. Henrique José Reed da Silva”. Estes bispos insígnies, que foram companheiros de estudos e de missão, viram o seu relacionamento posto à prova, devido a desavenças institucionais entre o Padroado Português e a *Propaganda Fide*.

MORADA DO BOLETIM: RUA DE LUANDA, N.º 480 3.º ESQ. / 2775-369 CARCAVELOS / CASCAIS

CONTA DO «GRUPO DE AMIGOS DE D. ANTÓNIO BARROSO», na Caixa Geral de Depósitos, Oeiras, para apoio à Causa da Canonização e despesas do Boletim:

NIB: 003505420001108153073 IBAN: PT50003505420001108153073 BIC: CGDIPTPL